



TÚLIO BORGES

ÁLBUNS

+ MAIS

CONTATO

BLOG

RELEASE / CLIPPING

EU VENHO VAGANDO NO AR (2010)

*“Deixo que a brisa toque
o sino em mim no tempo
o vento sabe quando é tempo
e quando é silêncio entendo”*

O tradutor brasileiro Túlio Borges cultua a musa como no tempo da delicadeza. “Nunca quis trabalhar com música com medo de perder o prazer de tocar”, confessa ele, que estréia, aos 29 anos, no belo e multifacetado disco “Eu venho vagando no ar”, após um longo namoro com a arte. Estudou piano na Escola de Música de Brasília, gravou jingles, integrou uma jazz band e um grupo vocal escolar quando morou nos EUA, onde excursionou e ganhou festivais. Embora compusesse desde a infância, só aos 23 anos, morando

em Londres, começou a compilar a obra (tinha quase 40 canções) que gravaria na volta ao Brasil. Aqui, passou a participar de festivais e, dentre outros prêmios, ficou em primeiro lugar no Sesc de Brasília e em segundo na Semana da Canção Brasileira, em SP, num júri que contava com Dante Ozzetti e Alice Ruiz.

Em um destes festivais conheceu a cantora carioca Vytória Rudan com quem passou a dividir o palco. No disco, ela é sua parceira tanto no sedutor samba “Paraty” (“Ela tem algo mais/ coisa que nada no mundo faz/ trazer paz pra um coração”), cevado por cuíca, tamborim e violão, quanto no fado/tango “Zorro” (“Eu quero amar você e vou/ mas tenho que aprender quem sou/ achar dentro de mim o mapa”), onde a dupla contracena no vocal de forma intensa.

Quem também divide o microfone com Túlio é D. Inácia, que o criou e trabalha com a família há 35 anos. “É na vida talvez quem mais tenha me influenciado”, analisa. “Era ela quem trazia o negro e o popular, o nordeste e as histórias para dentro de casa”, conta. Ela abre o disco com Túlio em “Pontos”, de domínio público; “músicas que eu a pegava cantando enquanto trabalhava, canções que ela nem sabia que sabia de cor, tão doces e melodiosas”. A piauiense D. Inácia Maria da Conceição sola no último dos pontos. “A idéia era gravá-los com acompanhamento que os valorizassem e que a gravação fosse um agradecimento em vida pela força que Dona Inácia me dá, tão simplesmente com um abraço e um beijo que limpam a alma de tão sinceros e puros”, define o solista.

“Eu venho vagando no ar” (título tirado de um dos pontos) aposta nesta pureza depurada pela urbanidade do talentoso Túlio. Como no abaionado “Trem”, aberto por uma percussão que imita este meio de transporte, e tem um trecho de voz projetada, versado como nas cantorias (“o fogão dos meus desejos fala/ é tão linda que a lindeza estala”). Do regional, Túlio salta ao universal na “jazzy” “Shirley”, profusão de imagens sensuais pontuadas pelo próprio violão do cantor e a guitarra de Genil Castro. Deste clima, ele salta para a não menos envolvente “Birosca”, um samba de cuíca, cavaco, clarineta, violões e o piano de Leandro Braga. “Não pode essa princesa/ da sandália e dos pés lindos demais/ da blusa tomara que caia/ repare o tamanho da saia/ e o estrago que ela faz”.

O samba, a urbanidade e o misticismo são as coisas nossas de “Altar”, pontilhada de imagens fluídas (“Tantos morros e só um Redentor”) e duetada com o compositor fluminense Fred Martins. “Há muito choro em mim/ por mil razões que eu sei/ e mais dez mil que herdei” soma “Toca aí”, etérea, no vocal sensível de Túlio, cerzida pelos violões de Rafael dos Anjos. Já a canção “Sua”, pavimentada pelas teclas do próprio autor em diálogo com as digressões do acordeon de Toninho Ferragutti, está entre as mais arrebatadoras do disco. A teia de palavras de “Cicatriz” (“que saudade me dói, devora/ as lembranças do outono, outrora”) atada pelo piano de Leandro Braga, sublinha a comunhão do cantor/autor com sua arte (“as lembranças enramam raízes/ por toda parte”). O insinuante choro “Oi/ Rio demais”, onde dialogam inesperadas trompa (Yuri Zuvanov) e clarineta (Ademir Junior) com o pandeiro de Amoy Ribas (o mesmo que alicerçou a percussão dos iniciais “Pontos”), prepara o impacto devastador da faixa título, que finaliza o disco. Prefaciada por um pífano suspenso, a letra brilha como uma jóia reluzente, um manifesto deste novo artista singular:

*“Deixo que a brisa toque
o sino em mim no tempo
o vento sabe quando é tempo
e quando é silêncio entendo”.*

Tárik de Souza

UM CHUÁ DE QUALIDADE

Que nem um perfume caro, andava trancafiado, e, na primeira amostra, só esbanjou qualidade.



Assim, ou quase assim, é a boa impressão que nos causa o disco "Eu venho vagando no ar" – bem dizer, uma cacimba de verdade autônoma – produzido, cantado e respirado pelo brasileiro Túlio Borges.

Músico, poeta, compositor e cantor de primeira plaina, Borges chega devagarzinho e já nos mata a sede de talento e bom intérprete na música brasileira. Poesia, virtuosismo, inovação, graça, refinamento e acima de tudo um toque benfazejo e de sonoridade rara, são itens salientes no trabalho do poeta, que, logo na capa, nos remete a um ventinho deflorador de madrugada.

E lá vem ele vagando no ar...



Jessier Quirino, poeta

TÚLIO BORGES, UM TALENTO



Aquiles Rique
Reis

Coluna do

Lá vem vindo o menestrel dos desatinos. Vem montado em seu cavalo baio. Magia perambulando infinitos, sobrevoando tempos, pressentindo vidas. Lá vem o poeta avoando, cavalgando um sonho avoengo. Carrega nas mãos o cálice da amarga verdade. Voeja buscando semear boas ideias em terras sãs.

Ao vê-lo, uma mulher pergunta: "O que pretendes, senhor das noites?" "Deixo que a brisa toque", ele responde. A mulher prossegue: "O que buscas, senhor dos dias?" "O sino em mim no tempo", entoa o cantador. Um jovem se intromete: "Ora, mulher, deixe que o homem siga. Não vês que ele é doido?" "Doido só podes ser tu, meu jovem, que não vê arder no cantador a labareda do futuro e do passado", retruca a mulher.

Aquiles nos jornais Jornal do Comércio (SP), Meio Norte (Teresina), Jornal da Cidade (Poços de Caldas), A Gazeta (Cuiabá) e Brazilian Voice (EUA)
Jun, 2011

Interrompendo o seu passar, o menestrel murmura alegorias... A mulher vira-se para melhor ouvi-lo e vê que quem acabou de lhe dirigir a palavra é agora um vulto que vai distante, em meio a denso feixe de estrelas. Ela acena, numa entristecida despedida. (O moço de há muito tomou outro rumo.) O silêncio se fez mais dolorido do que a solidão. Voltando-se para a mulher, o menestrel lança sua chama derradeira: "O vento sabe quando é tempo, e quando é silêncio entendo".

A mulher e o moço são, claro, mera ficção. Mas os versos que compõem a fala do menestrel/cantador ("Deixo que a brisa toque/ O sino em mim no tempo/ O vento sabe quando é tempo/ E quando é silêncio entendo") são da música "Eu Venho Vagando no Ar" (Túlio Borges), que dá título ao primeiro CD deste cantor, poeta e compositor.

Borges fecha o CD com ela, cantando acompanhado apenas do violão de Rafael dos Anjos e do pífano de Davi Abreu. Rafael dedilha a introdução e segue junto com o pífano de Davi, renunciando a profundidade do que cantará a voz aguda, firme e afinada de Túlio. Para abrir o disco, ele adaptou alguns "pontos" de domínio público que sempre ouviu D. Inácia (que o criou e trabalha com sua família há mais de 35 anos) cantar. Ela sola os versos que encerram a faixa. A percussão de Amoy Ribas realça a pueril candura de cada ponto, todos cantados doce e amorosamente por Túlio.

Em "Toca Aí" (Túlio Borges), o violão de Rafael dos Anjos é tocado de forma a deixar a letra fluir: "Toca aí uma canção pra eu cansar de ouvir/ Uma canção pra eu pensar em mim/ Pra eu calar e tentar me ouvir/ Vou fechar os olhos/ Se eu chorar, continua/ Há muito choro em mim/ Por mil razões que eu sei/ E mais dez mil que herdei".

Modestamente, eu respondo a cada um dos versos: "Ela está aí, cantador, nós a ouviremos até nos encantar. Nós nos calaremos, poeta, e o ouviremos enquanto o refletimos em nós. Acompanharemos seu choro e seguiremos, pois ele e mil porquês habitam também em nós."

Construtor de melodias inesperadas, criador de poesia calorosa, a música de Túlio Borges tudo harmoniza em suave cumplicidade, com cuidadosa feitura. Seu CD independente Eu Venho Vagando no Ar traduz com música os sentidos e os sentimentos que são seus, mas também são nossos.

UM DOS 50 MELHORES ÁLBUNS BRASILEIROS DE 2010



Revista Manuscrita, 2010

Delicadeza também combina com rebeldia.

Um trabalho redondo, muito bem pensado.

Se fosse há alguns anos, seria tomado como base da mpb de hoje. Bem vindo, futuro.

ESTREIA DE CRAQUE

Se ainda faz sentido ouvir um CD na ordem que o autor pensou para funcionar melhor, um destes motivos é *Eu venho vagando no ar*. Disco de estreia do jovem, de 29 anos, Túlio Borges, que é tradutor, morou nos Estados Unidos e Inglaterra, estudou piano na Escola de Música Brasileira, fez parte de grupo de jazz e coral de escola e gravou jingles.

Reticente em fazer da música modo de vida, ele só optou pela profissão há seis anos, quando morava em Londres e começou a reunir as cerca de 40 composições que havia feito ao longo da vida. Gravado entre 2007 e 2009, o disco tem 12 temas e pode ser baixado gratuitamente no site do compositor, www.tulioborges.com.br. Mas merecia ser lançado em vinil, para fazer companhia aos discos dos bambas da MPB dos anos 1970 e 80.

Com uma dicção de piano que faz lembrar Francis Hime e Cristóvão Bastos, e uma voz suave, mas firme, de canto quase falado, mas nunca monocórdio, ele construiu uma sonoridade de predominância acústica, parente do choro e do samba tradicionais. Sem forçar a barra para ser “de raiz”.

Aberto com Pontos, reunião de músicas de trabalho que aprendeu com Dona Inácia, que trabalhou com sua família por décadas e participa da faixa, o disco vai ganhando ao mesmo tempo corpo e leveza a cada faixa. As letras, das mais interessantes dessa safra recente da música brasileira, começam a chamar a atenção já na segunda faixa, o baião Trem, tratando de uma beleza que estala como fogueira de lenha.

Já Shirley, de acento jazzy, fala de cheiros e tardes de rum barato “e música que não ouvi”, na melhor tradição de Aldir Blanc e Vitor Martins. Já no samba Biroasca, o personagem finge que torce para que o vento não vente e levante a saia pequena de uma moça que já faz estrago na libido de quem frequenta o bar.

Túlio, que trabalha o lado feminino com competência buarquiana em Sua, faz um belo choro cantado em Oi/Morro de rir, destila bem a saudade em Paraty e Cicatriz e faz um gol de placa na faixa título, que encerra o CD: “Deixo que a brisa toque/ O sino em mim no tempo/ O vento sabe que é tempo/ E quando é silêncio entendo”. Paulinho da Viola vai gostar.

Kiko Ferreira, Estado de Minas - 2011

OS MELHORES DA PRODUÇÃO INDEPENDENTES

Prêmio Cata-Vento entre as produções independentes de 2010: Túlio Borges, o melhor cantor.

O Troféu Cata-Vento é o prêmio de programa da Rádio Cultura de São Paulo aos melhores da música independente. Foi idealizado por Solano Ribeiro, que se encarrega da escolha dos vencedores tendo como referência mais de 700 números veiculados em seu programa nos últimos 12 meses.

Para todos, Solano Ribeiro deixa o seguinte recado:

"É frequente alguém dizer que meu passado foi



Solano Ribeiro, produtor musical

brilhante, que abri espaço para que fossem escritas as páginas mais importantes da história da MPB.

Essas pessoas que ainda aplaudem o passado como presente, não sabem que, quando presente, meu passado era o futuro e foram poucos naquele então presente que acreditaram nos caminhos que eu indicava. Hoje, quando aponto propondo mais uma vez o futuro, como no passado, olham com desconfiança e não acreditam quando afirmo que o futuro já está presente. Bem aqui, na nossa frente. Chega de saudade!".

FOLHA DE SÃO PAULO

Lançamento

O brasileiro Túlio Borges estreia em CD, aos 29, já ostentando maturidade. Nos tradicionais "Pontos", que canta ao lado de dona Inácia, sua segunda mãe, nos simpáticos sambas "Birosca" e "Paraty", nas dilacerantes canções "Sua" e "Cicatriz" e, especialmente, em "Zorro" e "Shirley", sobra inteligência, além de uma profundidade que não dispensa a leveza. É um trabalho que não pode passar despercebido.

Avaliação: cotação máxima, 4 estrelas.

Luiz Fernando Vianna - 2010

A REVELAÇÃO DE TÚLIO BORGES

No encarte do disco *Eu venho vagando no ar*, escreve Zuza Homem de Mello: “Proponho aos ouvidos atentos prestarem bastante atenção ao trabalho musical de Túlio Borges. Depois a gente conversa.” Já neste primeiro álbum, Túlio se mostra um compositor que conhece a tradição brasileira, dono de perfeito domínio do texto e das ideias, um cancionista que chega pronto. Para dar uma noção prévia, eu diria que aqui e ali ele lembra Caetano Veloso e Chico Buarque. Não é pouca coisa.

Brasiliense, tradutor profissional, viveu nos EUA e na Inglaterra, aqui participou de alguns festivais. O CD começa com Pontos, adaptação de cantos do folclore afro-brasileiro, só vozes e percussão. Depois abre o leque para baião (Trem), fado (Zorro), um samba-canção com ares de jazz (Shirley), samba (Birosca), valsa-canção (Sua), choro (Ói/Morro de rir) e mais. Todas com tudo no lugar, ótimas letras, melodias ricas, delicadeza, humor sutil, voz incomum. Entre os músicos, dois especiais, o acordeonista Toninho Ferragutti e pianista Leandro Braga.

Jornal ABC, Porto Alegre - 2010

REVISTA GUITAR PLAYER

Áudio

Eis um disco rico em sons e arranjos. Túlio Borges é um cantor, compositor e intérprete de mão cheia e conta com um time de bons músicos de apoio. Os violões foram gravados, em sua maioria, por Rafael dos

Anjos e Fernando César (sete-cordas). Eles garantiram passagens sublimes e levadas sem virtuosismo, sempre enfatizando a elegância da batida típica do violão brasileiro (exemplos: Biroscas, Toca aí, Paraty, Ói/Morro de rir). A textura acústica é muito bem trabalhada junto aos demais instrumentos. Também gravaram violão Marcus Moraes (na bela Zorro) e o próprio Túlio Borges. Genil Castro reforçou as guitarras no arranjo da faixa Shirley. Ficou ótimo! Eu venho vagando no ar soa como os bons discos da MPB que conhecemos. Traz aquele clima tropical de brasilidade e um repertório que pode se transformar na trilha sonora na vida de muitos. Por que não?

2010

TÚLIO BORGES CHEGA PARA MOSTRAR, ALÉM DE TALENTO, UM NOVO PRUMO PARA A MPB CONTEMPORÂNEA

Anotem esse nome: Túlio Borges. Sim! o tradutor, poeta, cantor e compositor brasileiro merece que seu nome seja lembrado posteriormente, apenas por seu primeiro álbum. Túlio além de ser um apaixonado por música (estudou piano na Escola de Música Brasileira) e ser fã de gêneros como o fado e o jazz (tendo participado inclusive de um grupo do gênero) e de nomes como Rosa Passos e João Gilberto, vem ganhando destaque no novo cenário musical brasileiro.

Borges morou nos EUA e também na Inglaterra; e foi justamente em Londres que começou a reunir as cerca de 40 composições que havia feito até então no intuito de gravá-las. De volta ao Brasil deu início a

compilação desse primeiro trabalho a partir das canções trazidas na bagagem, além de dar início a sua participação em diversos festivais. Esse laboratório rendeu-lhe dentre outros prêmios, o primeiro lugar no Sesc de Brasília e o segundo na Semana da Canção Brasileira, em SP, num júri que contava com Dante Ozzetti e Alice Ruiz.

Paradoxalmente por ser tão aficionado por música hesitou bastante antes de envolver-se com tal arte da maneira tal qual hoje está envolto, essa hesitação veio de forma positiva pois parece que surtiu como efeito o extravasamento máximo de ideias e acepção de novos ares para a nossa MPB em um tipo de efervescência agradabilíssima que resultou em seu álbum de estreia. O álbum (gravado entre 2007 e 2009) já habilita Borges como um incrível compositor e intérprete dos mais representativos da nova geração da música brasileira, tal qual um artesão musical virtuoso e inovador a partir da tradução de uma harmonização rara traduzido em um disco inovador e que demonstra uma maturidade peculiar.

De canto brando e trazendo novos e prolíferos ares para a música popular brasileira, Túlio indubitavelmente vem para fazer parte do hall dos recentes compositores que merecem a atenção do grande público. Suas músicas e letras são fidedignas o suficiente para chamar a atenção da imprensa especializada, como a do crítico e musicólogo Zuza Homem de Mello, que ao ouvir o trabalho desse brasiliense foi sintético e enfático ao dizer: "Proponho aos ouvidos atentos prestarem bastante atenção ao trabalho musical de Túlio Borges. Depois a gente conversa." E é desta forma mesmo, sinteticamente impactante que este primeiro trabalho, "Eu venho vagando no ar" do Túlio Borges chega ao mercado fonográfico brasileiro.

Essa sua estreia no mercado fonográfico além da ter uma excelente receptividade do público e da imprensa especializada, traz um trabalho simples e que tem em sua contemporaneidade tudo aquilo que anseavamos encontrar sempre que surgem novas promessas na música brasileira. O músico Túlio nos traz alguns dos diversos ritmos brasileiros e suas tradições a partir de letras que são dignas das mais atentas audições para aqueles que prezam por textos coesos e coerentes o suficientes para receber inúmeras comparações como grandes nomes da MPB.

O álbum começa com a adaptação de alguns "Pontos" do folclore afro-brasileiro de domínio público a partir

do canto de Borges e da percussão de Ribas que traz por peculiaridade a companhia nos vocais de sua segunda mãe (como costuma se referir) à Dona Inácia Maria da Conceição, que sola no último dos pontos e o criou e trabalha com a família do músico brasileiro há mais de três décadas. Segundo o próprio músico ela talvez tenha sido a pessoa que mais tenha influenciado em sua formação musical por sempre ter ouvido ela cantar. "Era ela quem trazia o negro e o popular, o nordeste e as histórias para dentro de casa", relatou em recente entrevista. Segundo Túlio a ideia era gravar fazer da gravação desses pontos um agradecimento em vida pela força que a piauiense sempre lhe deu, força essa expressada de maneira tão singela através de pequenos gestos que "limpam a alma de tão sinceros e puros", como define Túlio.

O álbum é essencialmente um trabalho autoral, cabendo apenas duas faixas que foram feitas em parceria com a carioca Vytória Rudan, que Borges a partir de festivais ao qual participou conheceu. No fado "Zorro" (a primeira das duas parcerias existentes), a sociedade existente na composição se repete nos vocais da faixa. A outra canção da dupla é o samba "Paraty", que fala da saudade de forma peculiar e destrinchada.

Por falar em saudade o tema também é abordado na faixa composta exclusivamente pelo cantor nascido em Brasília e intitulada "Cicatriz", a canção aborda o tema de maneira visceral ao ponto de referendar a saudade que devora e que deixa cicatrizes. As demais faixas também são assinadas unicamente por Túlio como o baião "Trem" que traz consigo uma propriedade do ritmo de maneira tão encorpada pelo acordeom de Ferragutti que ao tratar de um arrependimento em não confessar um amor tipo de amor cheio de peculiaridades nos remete as mais genuínas composições do gênero. O álbum segue com blues e solos de guitarra como em "Shirley", que aborda uma relação com uma dodivana que inclui tardes de rum barato, linguicinha com pão e a cerimônias do chá.

Em "Biroasca" (um samba típico das crônicas musicais de compositores da estirpe de Noel Rosa), o protagonista finge que torce para que o vento não vente o suficiente para levantar a pequena saia de frequentadora do bar que por sua simples presença já aguça o libido dos frequentadores do estabelecimento. A clarineta, os violões e o piano remete-nos aos clássicos sambas de nossa música. Já as faixas "Oi/Morro de rir", "Altar" e "Toca aí" têm as suas peculiaridades. A primeira trata-se de um choro onde a competência musical aflora a partir de instrumentos como a trompa e a clarineta acompanhadas pelo toque do pandeiro

trazendo o relato de alguns desejos em forma de chorinho; já "Altar" (que tem nos vocais a participação do cantor e compositor fluminense Fred Martins) traz sentidos figurados tão consistentes em seu propósito que chegam a ganhar valor denotativo; e por fim "Toca aí", uma canção que traz o alerta: "Se eu chorar, continua há muito choro em mim...".

Sem deixar de abordar o lado feminino, Túlio vem com a faixa "Sua" que traz o compositor ao piano e tem por característica uma competência inerente a nomes como o de Chico Buarque e por fim a faixa que dá título a obra: "Eu venho vagando no ar", canção de uma singularidade melódica e de uma estética lírica fascinante.

Na tessitura instrumental do álbum há participações de nomes como o do pianista, maestro, compositor e arranjador paulista Leandro Braga que dá seu toque peculiar em faixas como "Altar", "Birosca" e "Cicatriz" e do músico, arranjador e compositor paulista Toninho Ferragutti que participa das faixas "Trem", "Zorro" e "Sua". Além desses renomados músicos, participam do disco o percussionista Amoy Ribas, os violonistas Marcus Moraes, Rafael dos Anjos e Fernando César; os bateristas Sandro Araújo e Leander Motta; o cavaquista Pedro Vasconcellos, o bandolinista Jorge Cardoso, o guitarrista Genil Castro, o trompista Yuri Zuvanov, o clarinetista Ademir Júnior e o baixista Oswaldo Amorim que completam com requinte e sofisticação as faixas apresentadas em "Eu venho vagando no ar". Os músicos, procuraram partir em busca da construção de uma sonoridade que flerta com ritmos como o samba, o fado e o jazz a partir de variantes que acabam classificando-se como uma sonoridade atípica (no sentido mais sublime da palavra).

E é dessa forma impressionante que o álbum do brasileiro Túlio a cada nova faixa, vai ganhando a consistência no limite exato sem perder a leveza, algo que torna-se perene pelo conjunto e qualidade. Dessa forma chega a ser possível afirmar que "Eu venho vagando no ar" (que pode ser adquirido clicando na imagem ao lado ou através dos endereços abaixo) supre uma parcela significativa da esperança que temos em firmar novos e talentosos nomes no cenário musical brasileiro a partir dos últimos anos. Não é que não haja tais talentos, pelo contrário, existem muitos, porém poucos são aqueles que trazem em suas composições a robustez necessária para se firmar como tal. As letras de Túlio Borges trazem-nos um tipo de linguagem que apresenta um novo tipo de consciência estética tal qual o poeta francês Arthur Rimbaud e a sua linguagem libertária, já as suas melodias remetem-me a uma gama de ritmos de caráter contemporâneo

e universal, partindo de suas mais profundas raízes. E é no paradoxo desta dicotomia que encontramos um álbum que merece uma atenção especial ao ser ouvido, pois Borges apresenta um timbre agradável aos ouvidos em uma combinação perfeita entre letras e músicas, fazendo de cada faixa uma agradabilíssima descoberta a partir de um projeto muito bem elaborado procurando apresentar tudo o que precisamos para uma excelente audição na medida certa. Parafraseando o título da obra do autor Aldous Huxley analogicamente com este disco vos digo: Admirável disco novo!

Bruno Negromonte, Musicaria Brasil